

Moda, necessidade e consumo

Paula Garcia Lima

Introdução

É fato corrente que o vestuário é uma necessidade, afinal, o nosso corpo é perecível, sensível às intempéries e ao tempo, logo, necessita ser coberto. É certo que as roupas têm a função de proteger o nosso corpo. No entanto se as funções da roupa fossem apenas reduzidas a este campo nos enrolaríamos em quaisquer pedaços de pano e estaríamos satisfazendo esta necessidade fisiológica (proteger do frio, calor, sol, chuva). Outra função óbvia do vestuário está relacionada ao pudor, ao fato de nos cobrirmos para não mostrarmos a nossa intimidade. Mais uma vez qualquer pedaço de pano seria suficiente. Por que então não nos contentamos com isso, por que queremos algo mais? Para um melhor entendimento da relação entre moda e necessidade, começarei fazendo um pequeno relato das funções da roupa para os indivíduos antes do surgimento da moda propriamente dita.

Funções do vestuário e o surgimento da moda

As roupas sempre tiveram uma função. Elas acompanham o homem, e evoluem com ele, desde os primórdios. Na pré-história as vestimentas tinham uma razão mística, pois os homens acreditavam que se estivessem vestidos com a pele de um animal adquiririam a força do mesmo. Nas primeiras civilizações (assírios, babilônicos e egípcios), os sacerdotes usavam roupas de pele apenas para rituais religiosos. Nestas civilizações passou-se a utilizar fibras naturais tecidas (lã e linho). Os assírios, povo guerreiro e relativamente nômade, usavam a lã; já os egípcios usavam fibras do linho que era cultivado nas margens do rio Nilo. Isto mostra que as roupas de um povo estão relacionadas com a matéria-prima e com a tecnologia disponível. Nestas civilizações já é possível perceber o uso das roupas como forma de diferenciar as classes sociais. Governantes e sacerdotes usavam trajes e jóias que lhes identificassem como tais. Durante a Revolução Comercial a classe dos nobres e de comerciantes ricos aumentou consideravelmente, logo a roupa foi usada como uma forma de se diferenciar dos demais da corte (Treptow, 2003, p. 23-25).

A partir deste momento histórico se pode falar do fenômeno da moda. De acordo com Lipovetsky (1989, p. 11 e 23), o início do sistema da moda remonta ao final da Idade Média quando começou a surgir os valores e significações culturais da sociedade moderna, como a glorificação do Novo e a expressão da individualidade humana. No entanto, de acordo com o autor, foi na segunda metade do século XIX, que a moda no sentido moderno da palavra se instalou (Lipovetsky, 1989, p. 69).

Segundo Santaella (apud De Carli, 2002, p. 9), a Revolução Industrial foi um importante marco para a moda:

A moda foi se tornando explícita quando a revolução industrial possibilitou a reprodutibilidade técnica de seus produtos, a reprodução em série do mesmo. Com

o crescimento demográfico dos quais se originaram os aglomerados humanos nos primeiros grandes centros urbanos, notadamente em Paris e Londres, a moda começou a se converter em fascínio, nas galerias em que produtos, ofertados por trás dos vidros, paralisavam, com piscadelas sedutoras, o passo dos transeuntes.

Com a moda propriamente dita instaurada, podemos questionar por que temos tantas roupas quando, na verdade, pouquíssimas seriam suficientes? Parece que usar os artigos efêmeros da moda é uma necessidade. Alguns dos teóricos estudados para este trabalho versam sobre esta questão, como passaremos a ver a partir de agora.

Moda, necessidade e fetiche

Para falar de necessidade convém citar a existência da teoria denominada humanista ou psicologia humanista. Esta teoria coloca como foco o ser humano, defendendo que o homem não se limita às suas necessidades fisiológicas. Um dos principais expoentes do movimento humanista é Abraham Maslow (Karsaclián, 2000, p. 29-30). Maslow é o criador da teoria das necessidades básicas, onde ele afirma que o homem tem pelo menos cinco tipos de necessidade, que são hierarquizadas conforme sua importância. Esta teoria fundamenta-se em três hipóteses:

1. “um indivíduo sente várias necessidades que não têm a mesma importância e que podem então ser hierarquizadas;
2. ele procura primeiramente satisfazer à necessidade que lhe parece ser mais importante;
3. uma necessidade cessa de existir (por algum tempo) quando ela foi satisfeita e o indivíduo procura, nesse caso, a satisfação da necessidade seguinte”. (Karsaclián, 2000, p. 31)

A partir destas hipóteses Maslow construiu a pirâmide das necessidades dividida em cinco partes. As necessidades obedecem uma escalonagem, onde passa-se do nível mais baixo para o imediatamente mais alto à medida que cada necessidade é saciada. Sendo assim, esta pirâmide é organizada de forma que as necessidades mais importantes, as fisiológicas (ligadas à sobrevivência), se encontram na base. Seguindo esta hierarquia, aparecem respectivamente: necessidades de proteção, de afeto, de *status* e estima, até chegar no topo da pirâmide com as necessidades de auto-realização (Karsaclián, 2000, p. 30). Pode-se dizer que o vestuário está presente em todos os níveis da pirâmide, no entanto, a meu ver o uso de artigos de moda tem um importante papel nos dois últimos tipos de necessidade.

Saciar as necessidades tem a ver com motivação. Quando sentimos frio nos sentimos motivados a sair em busca de um agasalho. O mesmo acontece com todos os outros tipos de necessidades. Nós somos motivados por meio de necessidades internas ou externas, que podem se manifestar tanto no nível fisiológico quanto no nível psicológico. O processo de motivação se dá ao detectarmos uma necessidade, e as necessidades nascem da discordância entre o que eu desejo e o meu estado atual. Quanto maior a distância entre o desejado e o estado atual, maiores são